

As coisas pequenas

Aprende a amar as coisas pequenas. O reflexo de uma luz na água. Os mistérios do céu, as cores com que ele se exprime, a lua que irriga ora de branco maciço ora de ouro brando. Embevece-te com as estrelas e sente na língua o travo de saudade de um pôr-do-sol.

Aprende a amar as coisas pequeninas. O corpo de uma caneca entre as mãos e o vapor do café com leite ou do chocolate quente a inebriar as narinas num dia frio. Deixa o inverno à porta, escolhe um filme, uma manta e enrosca-te com o domingo no sofá. Não impeças os teus dedos de girar o botão do volume do rádio sempre que toca aquela música por que te apaixonaste. Que a idade e o tamanho nunca te proibam de andar de baloíço. Rapa a tigela depois de fazeres o bolo e lambe os dedos depois de o comer. E aprende a amar as coisas pequenas. O barulho da chuva. O calor da areia sob os pés descalços. O sangue outonal a envelhecer as folhas de vermelho derramado, amarelo torrado, castanho esquecido. Uma coincidência. O puxar das mangas para que cubram as mãos. A chama de uma vela. Fogo de artifício. O chilreio dos pardais e o corrupio de uma borboleta sobre um jardim. Sopra a um dente de leão e brinca com as pétalas de um bem-me-quer. Quando ninguém estiver a ver, esquece-te de contar as calorias. Por favor, carrega em todos os botões antes de saíres do elevador e aprende a amar as coisas pequenas.

O prazer miudinho de estrear uma peça de roupa no dia seguinte a tê-la comprado. A complementaridade deliciosa entre a crosta estaladiça e o miolo fofo de um pão acabado de fazer.

A ternura silenciosa com que um dia pode ser polvilhado por ocasião de uma prenda sem ocasião que a justifique. Estende o mais que possas a alegria súbita do (re)encontro fortuito com um amigo que não vias há muito. Concede um suspiro meloso ao crepitar da lareira e um olhar nostálgico ao beijo leve que o sol suspende no mar quando acorda feliz. Não te negues a paz de ouvir música de olhos fechados. Vasculha a tua alma até encontrares a vacuidade tão repleta que te permite escutar o vento não só quando ele fustiga o mundo com revolta magoada, mas especialmente quando murmura meigo, quase aragem, por entre a folhagem.

Empresta algum do teu amor às coisas mais pequenas. À mística que um poema raspa contra o peito. Às letras do jornal que envolve as castanhas de S. Martinho. Encomenda algo que desejes muito e caiba numa caixa para poderes sentir a magia da espera expectante. Desenha com os dedos num vidro embaciado. Sempre que tenhas a possibilidade, experiencia um espetáculo ao vivo. Se te for dada a oportunidade de viajar num avião, promete que irás admirar as vistas. Se, por acaso, sobrevoares de noite a tua cidade natal deixa que a fábula de luzes te enleve. Recolhe do chão seixos e passeia-os na tua mão. Experimenta caminhos diferentes para alcançar os destinos que já conheces. E nunca, nunca te esqueças de amar as coisas pequenas, pois quando a vida abalar as maiores bastar-te-ão as pequenas para que a felicidade não te fuja.